

La Comédiathèque

Crise e Castigo

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Crise e castigo

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um ator desempregado é contratado por um banco à beira da falência para servir de bode expiatório. O pesadelo acaba de começar...

Personagens

Jerônimo: o ator

Claudia (ou Claudio) : a gerente (ou o gerente)

Dominga (ou Domingo) : a secretária (ou secretário)

Maria: a mulher da limpeza

Beatriz: a esposa do ator

Bernarda: a primeira cliente

Madalena: a segunda cliente.

*Os personagens Maria, Beatriz, Bernarda e Madalena
podem ser interpretados pela mesma atriz.*

© La Comédiathèque

Despacho sóbrio, mas imponente: uma grande mesa com um telefone que também funcionará como interfone. As chamadas serão diferenciadas por meio de um botão vermelho e outro verde, uma poltrona giratória acolchoada, uma mesinha com uma espécie de garrafa térmica de alumínio e um quadro com o retrato de um homem pendurado na parede. Maria está varrendo o chão quando Claudia entra vestida com um terno.

Claudia – Fico feliz em vê-la, Maria... Tenho algo para lhe dizer...

Maria para de varrer.

Maria – Você dirá, senhora.

Claudia – Há quantos anos você trabalha para nós?

Maria – Não me lembro exatamente, senhora. Muitos, com certeza... Você não está satisfeita com o meu trabalho?

Claudia – Não é isso, Maria. Na verdade, queria a parabenizar. Você conhece o lema do nosso banco?

Maria – Dinheiro sujo, mãos limpas.

Claudia – Exatamente! Graças a você, o Crédito Solidário está sempre impecável. E a limpeza em um banco é como a vitrine, não acha? Se a vitrine de um banco não estiver impecável, os clientes podem pensar que...

Maria – Que os banqueiros também não são limpos...

Claudia – Isso mesmo! Vejo que você entendeu perfeitamente, Maria.

Maria – Posso continuar com o meu trabalho, senhora?

Claudia – Espere um pouco, Maria...

Maria – Bem... Você dirá, senhora...

Claudia pigarreja.

Claudia – Como você deve saber, minha cara Maria... Melhor ainda, minha muito cara Maria... Ou melhor ainda, minha caríssima Maria... Como eu estava dizendo, você deve saber que estamos em crise.

Maria – Não me diga?

Claudia – Sim, em crise, Maria! Mesmo que você não leia o noticiário econômico todos os dias, com certeza ouviu falar sobre o assunto. Mas, que boba sou eu! Você é marroquina, não é?

Maria – Sou portuguesa, senhora.

Claudia – Ah, melhor ainda! Eu quis dizer, pior ainda... Portugal é o país mais afetado da zona do euro. Suponho que você esteja ciente?

Maria – Bem... Francamente, não, senhora.

Claudia – Resumindo, trata-se de uma recessão, e o mundo das finanças é o mais afetado pelo declínio geral dos valores...

Maria – Valores?

Claudia – Estou me referindo à bolsa de valores. Logicamente, você não entende disso. Da depressão econômica para a depressão emocional, há apenas um passo. Quando a bolsa está em baixa, o moral também está. E quando o moral está no chão, a crise moral está próxima.

Maria – Se você diz, senhora.

Claudia – Não me diga que você não está um pouco deprimida?

Maria – Estou me virando, senhora. Não estou reclamando...

Claudia – Me perdoe, Maria, mas só de olhar para você assim, com sua vassoura, fica claro que você não está transbordando de alegria!

Maria – Talvez seja porque estou um pouco cansada... De tanto varrer a frente...

Claudia – Tudo isso para dizer que nosso banco não está preparado para a tempestade que se aproxima... e que também precisamos fazer nossos cálculos. Você entende, não é?

Maria – Sim, senhora...

Claudia – Para o seu bem, Maria, o Crédito Solidário teve que tomar algumas medidas, talvez um pouco dolorosas, para poder manter seu emprego. Um emprego, que agora posso lhe dizer, estava seriamente ameaçado.

Maria – Obrigada, senhora...

Claudia – Portanto, tenho o prazer de anunciar, Maria, que não temos a intenção de a demitir.

Maria – Trabalho informal, senhora.

Claudia – Seja como for, você pode continuar a varrer meu escritório até segunda ordem e, quem sabe? Talvez um dia a deixaremos varrer o escritório do diretor.

Maria – Obrigada, senhora...

Claudia – Claro, o Crédito Solidário espera um pequeno sacrifício de você para nos ajudar a manter empregos no país. Porque, sem empregos, não há poder de compra, e sem poder de compra, perdemos a confiança, e sem confiança, não há empregos. É o ciclo vicioso da estagnação. Você me entende?

Maria – Pelo menos, estou tentando, senhora...

Claudia – Entendo que isso seja difícil para você, minha pobre Maria, mas garanto que pode confiar em mim... Vou tentar fazer com que entenda... Em troca de manter seu emprego, o Crédito Solidário propõe reduzir seu salário em trinta por cento. Imagino que lhe pareça razoável, não é?

Maria – Trinta por cento?

Claudia – Um terço do seu salário atual, se preferir.

Maria – Um terço a menos?

Claudia – Bem... é isso mesmo. Você precisa entender que, nos tempos atuais, não há muitos empregos de faxineira, Maria. Não é de se estranhar que em breve, mesmo trabalhando informalmente, peçam um diploma universitário. Isso, além de ter boas conexões... Aliás, você tem um diploma universitário?

Maria – Não, senhora...

Claudia – Suponho que você não conheça ninguém nas altas esferas...

Maria – Não, senhora...

Claudia – E, no que diz respeito à sua promoção, querida Maria, e não quero que se sinta mal com isso, não estou muito certa de que todas as cartas estão a seu favor... O que podemos fazer! É assim... A grande loteria da vida... Alguns nascem na Suíça com um sobrenome de muitas sílabas e uma aparência excepcional, e outros... Em resumo, suponho que você concorda que minha proposta é bastante generosa... O que você acha de tudo isso?

Maria – O que eu acho, senhora?

Claudia – Sim, Maria... Embora não seja realmente necessário que você pense. Mas eu vou ouvi-la. Vivemos em uma democracia, e esse é meu dever...

Maria parece refletir.

Maria – O que eu penso...

Claudia – Você terá que pensar em alguma coisa, eu diria...

Maria – Bem, eu penso sim, senhora... (*Maria ameaça com a vassoura*) Isso é o que eu penso, senhora!

Claudia – Você enlouqueceu, Maria?

Maria persegue Claudia com a vassoura até que esta desaparece nos bastidores.

Claudia – Mas, Maria... Eu só fiz uma proposta! Mas não se preocupe... Nós também sabemos ouvir nossos funcionários!

Ouvem-se os gritos de Claudia nos bastidores.

Claudia – Oh!! Não... E que tal 20 por cento?

Maria – Quer que eu continue batendo em você?

Claudia – E 10 por cento?

Maria – Dez por cento, mas de aumento.

Claudia – A verdade é que não sei se...

Elas entram em cena novamente. Maria continua ameaçando Claudia com a vassoura.

Claudia – Está bem, Maria... É preciso saber conduzir uma negociação... Assunto encerrado... O Crédito Solidário aumentará seu salário em 10 por cento.

Maria – Isso está melhor, senhora.

Claudia – A verdade, Maria, é que você é uma osso duro de roer... Também sabemos apreciar certas características de personalidade em nossos funcionários, e você demonstrou ter algumas...

Maria – Muito obrigada, senhora.

Claudia – O que acha de fazer um mestrado de formação, totalmente pago pela empresa? Poderíamos contratá-la para nosso Departamento de Cobranças. Com a crise, há cada vez mais contas não pagas...

Maria – Você quer que eu continue batendo em você com a vassoura?

Claudia se afasta por precaução.

Claudia – Não se fala mais nisso. Vou deixá-la continuar com seu trabalho...

Maria – Obrigada, senhora.

Claudia sai do palco sob o olhar atento de Maria.

Aqui pode ser inserido um intervalo musical e/ou uma coreografia. Pode-se recorrer a um boneco com Claudia voltando à carga e Maria batendo nela com a vassoura, ao estilo dos bonecos em que a polícia recebe os golpes.

Escuro.

Dominga entra em cena, uma secretária afetada e bajuladora. Ela segura um arquivo nas mãos. Jerônimo a segue, visivelmente desconfortável. Ele está vestido com um terno apertado e uma gravata desgastada. Supostamente, ele é um funcionário importante.

Dominga – Por aqui, por favor... Este é o seu escritório, senhor.

Jerônimo (*surpreso*) – Meu escritório? Você tem certeza?

Dominga – Eu entendo que pareça um pouco austero, mas podemos melhorá-lo pendurando algumas gravuras.

Jerônimo – Bem... Se você diz...

Dominga – Quero avisar que neste escritório não é conveniente ter vasos ou jarros com flores.

Jerônimo – Eu não sabia...

Dominga – Quero dizer que não é conveniente ter nada que possa ser jogado na cabeça.

Jerônimo – Claro...

Dominga – Também não é conveniente deixar qualquer tipo de cortador de papel na mesa, nem mesmo um grampeador.

Jerônimo – Minha esposa também não gosta que eu deixe minhas coisas por aí.

Dominga – Quero dizer, nada que possa ser usado como arma arremessável.

Jerônimo a olha, preocupado.

Dominga – Bem... Dona Claudia explicará.

Jerônimo – Dona Claudia?

Dominga – Ela é a chefe de departamento. Foi ela que o contratou. Ela não está aqui no momento, mas logo chegará.

Jerônimo – Entendi... E qual é o seu cargo na empresa...?

Dominga – Gestão de Patrimônio.

Jerônimo – Compreendo...

Dominga – Digamos que ajudamos as pessoas ricas a ficarem ainda mais ricas.

Jerônimo – Uma nobre missão... E como está indo?

Dominga – Mais ou menos, infelizmente... Por isso o contrataram, não é?

Jerônimo – Sério? Na verdade, eu não faço ideia... Eu me inscrevi no escritório de emprego e eles me enviaram para cá... Você tem certeza de que não é um erro?

Dominga – Um erro? Que ideia absurda! Por que seria um erro?

Jerônimo – Digamos que eu não tenho a impressão de que eu possa me encaixar neste trabalho...

Dominga – Você pode ter certeza de que não é um erro, Sr. Carpinteiro.

Jerônimo – Sapateiro. Meu sobrenome é Sapateiro.

Dominga – Eu tenho o seu arquivo aqui e o seu perfil corresponde perfeitamente ao que Dona Claudia espera da pessoa designada para ocupar esta posição...

Jerônimo – Meu perfil?... Eu não sabia que tinha um perfil... A verdade é que, tudo seja dito, eu não sou alguém que interesse a nenhum chefe de pessoal.

Dominga abre o arquivo e dá uma olhada.

Dominga – Vejamos... Aqui diz que você é um ator desempregado há dois anos...

Jerônimo – Na verdade, quase três...

Dominga – O psicólogo do escritório de emprego descreve você como apático, resignado, com tendência à culpabilização e à desvalorização de si mesmo...

Jerônimo – E esse é o perfil que estão procurando para este cargo?

Ela prefere não responder.

Dominga – Mais tarde eu lhe passarei os vouchers para o restaurante. Você quer que eu traga um café, Sr. Carpinteiro, perdão, Sr. Sapateiro?

Jerônimo – Obrigado, mas tenho medo de não conseguir dormir... Quero dizer, não conseguir dormir durante a noite, é claro...

Dominga – Está bem. Se precisar de alguma coisa, é só me chamar. Estarei ao lado. Basta apertar o botão do interfone.

Jerônimo – Ah! Há um interfone...? Como nos filmes antigos em preto e branco.

Ela mostra qual é a tecla.

Dominga – Como você pode ver, há dois botões de cores diferentes... O interfone é o de cor verde...

Jerônimo – Perfeito...

Dominga – Tenha cuidado para não tocar no botão vermelho. É só para casos de extrema urgência.

Jerônimo tenta fazer uma piada para aliviar a tensão.

Jerônimo – Então é um botão de alarme...

Dominga – Exatamente. E tenha cuidado, como dizem nos trens AVE, qualquer abuso será severamente punido...

Jerônimo não sabe se a mulher está falando sério ou fazendo uma piada.

Dominga – Vou o deixar sozinho para que possa se instalar.

Jerônimo – Muito obrigado, Srta...

A mulher sai. Jerônimo olha ao redor. Finalmente, ele se posiciona diante do retrato de um homem e o contempla perplexo. Ele pega o que acredita ser uma garrafa térmica, passa de uma mão para outra e fica indeciso.

Jerônimo – Acho que seria melhor tomar um café, isso me acordaria um pouco. *(Olha ao redor novamente)* Não há nenhuma xícara... *(Desenrosca a tampa)* Isso servirá... *(Derrama o conteúdo da suposta garrafa térmica na tampa, mas não é café, é cinza que sai)* Caramba! Mas, o que é isso?

Dominga volta ao escritório. Jerônimo tenta colocar a tampa de volta, mas só consegue espalhar as cinzas, formando uma pequena nuvem. Ele tenta dissipá-la agitando a mão. Dominga o olha com desaprovação. Ele parece uma criança pega em falta.

Jerônimo – Desculpe... Pensei... Mas o que é isso? A lâmpada de Aladino? Pensei que um gênio fosse sair e me dizer para fazer três desejos.

Dominga – Pode acreditar, não há nenhum gênio ali dentro. Mas, peça-lhe que não toque em nada... *(Com um olhar ameaçador)* Dona Claudia não gostaria nada disso... *(Recupera seu sorriso amável e lhe entrega um cartão)* Aqui estão seus tickets para o refeitório...

Jerônimo – Muito obrigado...

Dominga (*enquanto sai*) – Aliás, Dona Claudia ligou. Ela vai chegar um pouco mais tarde.

Jerônimo – Tudo bem...

Dominga sai. Cada vez mais inibido, Jerônimo dá a volta no escritório e se senta na cadeira. Ele fica surpreso com a profundidade da cadeira. Ele se endireita para adotar uma postura digna. Apoia os cotovelos na mesa, tentando parecer um diretor. Pega o telefone como se estivesse prestes a fazer algo importante. Tenta movê-lo, mas ele está parafusado na mesa. Ele boceja. Opta por encontrar uma posição mais confortável e coloca os pés na mesa. Ele começa a ficar sonolento, mas o som estridente do telefone o acorda assustado. Surpreso, ele cai da cadeira. Ele se levanta novamente e se prepara para pegar o telefone.

Jerônimo – Sim...? Não, não... Sim, sim, me passe, obrigado... Oi querida... Sim, sim, está tudo bem, não se preocupe... Na verdade, eles ainda não me demitiram... A verdade é que eu ainda não vi a chefe de departamento... Isso mesmo, eu ainda não comecei a trabalhar. O que eu tenho que fazer? Olha, nem passou pela minha cabeça perguntar... Imagino que Dona Claudia vai me dizer... Sim, esse é o nome da chefe... Tudo bem, vou te ligar assim que souber mais... Sim, sim, claro! Tudo bem... Beijos.

Ele hesita por um momento e pressiona o botão do interfone.

Jerônimo – Senhorita Dominga? Sou Jerônimo... Sim, o Jerônimo que está no escritório ao lado do seu. Muito bem. Desculpe... Entendi... Sim... Não vale a pena me anunciar quando estou usando o interfone... Tudo bem... Se não for pedir muito, seria possível fazer o café que você me ofereceu antes?... Quanta açúcar? Bem... digamos... três... Sim, três cubos, se isso não for abusar da sua gentileza... Obrigado, senhorita Dominga.

Alguns segundos depois, Dominga chega com o café.

Jerônimo – Que serviço tão rápido...! Você é mais eficiente do que o gênio preso nessa garrafa térmica...

Dominga o olha de lado antes de colocar o café na mesa. Em seguida, ela recupera sua atitude submissa.

Dominga – Deseja mais alguma coisa?

Jerônimo – Não, muito obrigado... (*Dominga se prepara para sair*) Bem... sim... Quem é o cara na foto ao lado da garrafa térmica?

Dominga – A que garrafa térmica você se refere?

Jerônimo – Bem, essa que está ali, na foto...

Dominga – Ah... Essa...

Jerônimo – Suponho que seja o funcionário do mês.

Dominga – É o seu antecessor no cargo.

Jerônimo – E onde ele está agora?

Dominga – Na garrafa térmica.

Jerônimo – Na garrafa térmica?

Dominga – Não é uma garrafa térmica. É uma urna funerária.

Jerônimo – Ah... Sim... Ou seja, mas por que ele foi colocado nessa posição tão destacada?

Dominga – Ele morreu no exercício de suas funções.

Jerônimo – No exercício de suas funções?

Dominga – As mesmas funções que você vai assumir.

Jerônimo – O serviço pós-venda?

Dominga – Isso mesmo.

Jerônimo – Foi um acidente de trabalho?

Dominga – Pode-se dizer que foi assim. Deseja algo mais?

Jerônimo (*confuso*) – Isso é tudo, por enquanto...

Sale Dominga. Jerônimo fica diante do retrato e o examina com um novo olhar inquieto. Em seguida, ele pega a urna com delicadeza.

Jerônimo – Então, o que está aqui dentro e pelo chão é você carbonizado.

O botão vermelho começa a piscar enquanto um alarme toca. Jerônimo, aterrorizado, não consegue atender antes que uma mulher com ar de executiva entre apressadamente. O som para.

Claudia – Então, foi você...

Jerônimo – Bem... Eu?

Claudia dá um tapa nele.

Claudia – Isso é só o aperitivo.

Jerônimo (*tonto*) – Bom dia, senhora...

Claudia – Não sei se devo chamá-lo de idiota ou inútil...

Jerônimo – Nem eu...

Claudia – Ou melhor ainda, de trapaceiro ou incompetente.

Jerônimo – Suponho que tenho que escolher?

Claudia – Isso é tudo o que você tem a me dizer?

Jerônimo – É que eu...

Claudia – Merece que eu lhe dê outro tapa.

Jerônimo – Não... Por favor...

Claudia – Você não percebe o problema que está criando?

Jerônimo – Eu sinto muito, muito mesmo.

Claudia – "Sinto muito, muito mesmo..." Você está me zoando ou o quê?

Jerônimo – Eu juro que não é minha intenção.

Claudia – Claro, você vai me dizer que não tem nada a ver com isso, não é?

Jerônimo – Não diria tanto, mas...

Claudia – Foi apenas uma questão de má sorte, certo?

Jerônimo – Na verdade... Na verdade, não sei do que você está falando...

Claudia – Vamos, não finja ser inocente...

Jerônimo – Sinto muito mesmo.

Claudia – E agora, o que vamos fazer?

Jerônimo – Não tenho ideia...

Claudia – Espero que me ofereça alguma solução...

Jerônimo – Bem... Na verdade...

Claudia – Você é um pobre homem!

Jerônimo – Minha esposa diz a mesma coisa...

Claudia – Suponho que isso não tire seu sono...

Jerônimo – Você quer um café?

Claudia – Você acha que pode me conquistar com um café?

Jerônimo – Está longe de ser minha intenção.

Claudia – Não pense que me oferecendo um café vou esquecer o que aconteceu.

Jerônimo – Sinto muito.

Claudia – Você é um idiota...

Jerônimo – Mas este é o meu primeiro dia de trabalho!

Claudia – E você acha que um idiota pode começar em um cargo como este?

Jerônimo – Bem... Na verdade...

Claudia – Eu prevejo uma carreira brilhante para você!

Jerônimo – Muito obrigado.

Claudia – Nos veremos mais tarde. Muito antes do que você pensa...

Jerônimo – Será um prazer, senhora...

Claudia – Espero não ter que lidar com você.

Claudia hesita, como se estivesse procurando algo. Ela se dirige à pintura e a quebra na cabeça de Jerônimo. Sai, furiosa. Jerônimo fica atônito, com a moldura nos ombros. Dominga entra, como se nada tivesse acontecido. Ela pega a xícara vazia.

Dominga – Tudo bem, Jerônimo?

Jerônimo – Bem, sim... Obrigado...

Dominga – Gostaria de outra xícara de café?

Jerônimo – Por enquanto não...

Dominga percebe que ele está com a moldura nos ombros.

Dominga – Isso o incomoda? (*Aproxima-se dele, pega a foto e a coloca de volta no lugar*) Não se preocupe. Eles vão fazer uma cópia. Isso é comum.

Jerônimo – Comum? Mas quem é essa louca?

Dominga – Essa louca...? Bem, esta é a sua primeira reunião.

Jerônimo – Minha primeira reunião?

Dominga – Dona Claudia explicará...

Jerônimo – Bem, isso é o suficiente! Sua Dona Claudia não me explica nada... Não estou aqui para ser maltratado!

Dominga – Bem...

Jerônimo – Você está me escondendo algo.

Dominga – É para isso que você foi contratado, senhor Sapateiro. Assim como o seu antecessor.

Jerônimo – Então estou aqui para ser insultado e espancado?

Dominga – São os riscos da profissão.

Jerônimo – Mas que profissão?

Dominga – A que você vai receber um salário.

Jerônimo – E se eu não concordar?

Dominga – Não pense que vão lhe pagar por não fazer nada, senhor Carpint... perdão, Sapateiro. Você precisa ser razoável... Lembro que não tem futuro, você é apenas um ator.

Jerônimo – Tudo bem, então vou apresentar minha demissão. (*Está prestes a sair*) Não vou ficar nem mais um minuto nesta casa de loucos...

Dominga – Peço que espere pela Dona Claudia. (*Olhando para a porta*) Ela acabou de chegar.

Dona Claudia entra, a cliente que o abofeteou. Jerônimo fica chocado ao reconhecê-la.

Jerônimo – Você é a Dona Claudia?

Claudia (*com simpatia*) – Encantada, senhor Sapateiro.

Dominga – Vou deixá-los...

Jerônimo – Não entendo nada... Isso é um pesadelo.

Claudia – Peço desculpas por tê-lo representado nessa pequena comédia. Na verdade, isso foi o último teste da realidade. Antes do seu batismo de fogo...

Jerônimo – Meu batismo de...

Claudia – Considere-o como parte do processo de seleção, uma prova da qual você saiu vitorioso. Parabéns de verdade.

Jerônimo – Agradeço, mas pode me explicar qual é o meu trabalho? Sua secretária não quis me informar.

Claudia – Bem, é muito simples. Você entenderá em breve, porque sei que é uma pessoa inteligente. Senhor Sapateiro, embora pareça muito comum e não tenha diploma que prove que você é um gênio.

Jerônimo – Eu tenho um diploma de auditor de uma escola de teatro de improvisação...

Claudia – Bem, esse diploma será muito útil no seu novo trabalho... Como você sabe, somos um departamento de gestão para grandes fortunas.

Jerônimo – Sim...

Claudia – Isso significa que cuidamos de multiplicar as economias de nossas clientes ricas, vendendo-lhes todo tipo de produtos financeiros, mais ou menos bons.

Jerônimo – Apenas mulheres ricas?

Claudia – Você ficaria surpreso ao saber que a maior parte da riqueza nacional de Portugal está nas mãos das viúvas. Você já ouviu falar de fundos de pensão?

Jerônimo – Um pouco...

Claudia – Fundos de pensão são dinheiro para aposentadoria e, se você não sabe, a maioria dos aposentados são viúvas.

Jerônimo – Eu entendi...

Claudia – Então você pode entender por que cuidamos especialmente de nossa clientela feminina.

Jerônimo – Isso faz sentido.

Claudia – Além disso, as mulheres têm a enorme vantagem para nós de não entenderem nada sobre investimentos.

Jerônimo – Eu também...

Claudia – Não tem problema. Eu também não entendo muito sobre o assunto. Bem, a verdade é que quase ninguém entende há muito tempo... A verdade é que, desde a morte do meu marido...

Jerônimo – Você é viúva?

Ela aponta com a cabeça a fotografia na mesa de cabeceira.

Claudia – Sim, meu querido marido partiu há muito tempo...

Jerônimo – Então este é o seu esposo?

Claudia olha para a foto e nota os danos.

Claudia – O que aconteceu aqui?

Jerônimo – Isso é exatamente o que eu ia perguntar.

Claudia – É verdade... Não sei o que me deu há pouco... Você, que é ator, vai poder me entender... Quando você entra no personagem... Quis representar nossa cliente típica.

Jerônimo – Bem, você fez isso muito bem.

Claudia – Na Bolsa, assim como no cassino, a longo prazo, sempre o banco ganha. O cliente não pode ganhar sempre. Isso é o que nossa cliente típica não consegue entender. Entende?

Jerônimo – Estou tentando.

Claudia – E, mesmo que pareça mentira, meu amigo, também há crises para os ricos.

Jerônimo – Entendo.

Claudia – E quando os ricos ficam menos ricos, é o banco deles que perde.

Jerônimo – É lógico.

Claudia – Que fique entre nós, mas confesso que o banco está à beira da falência.

Jerônimo – Sério?

Claudia – Como é óbvio, os contribuintes vão nos socorrer de novo. Não é nada grave, mas... Já saímos de outras, não é?

Jerônimo – Se você diz...

Claudia – Mas a cliente típica nunca verá o dinheiro dela. É compreensível, então, que ela tenha que nos atacar.

Jerônimo – Isso seria normal.

Claudia – E que ela desconte em um de nós... E é aí que você entra.

Jerônimo – Eu?

Claudia – Imagine que você é um saco de pancadas para milionárias arruinadas que têm uma necessidade irresistível de descontar em alguém.

Jerônimo – Um saco de pancadas?

Claudia – Vamos, Jerônimo... Um homem como você! Não vai ter medo dessas mulheres frágeis?

Jerônimo – Desculpe, mas não me vejo nesse papel.

Claudia – Lembro você, senhor Sapateiro, de que assinou um contrato...

Jerônimo – E por que você não as recebe? Afinal, são clientes a quem você arruinou.

Claudia – Porque, como diretora desta agência, represento a continuidade da instituição financeira. Sou responsável por tudo, mas, assim como um ministro, não posso ser culpada por nada, a menos que comprometa seriamente a credibilidade de todos acima de mim. Até mesmo a sobrevivência desta sociedade, senhor Sapateiro. Melhor dizendo, de toda a sociedade! Pessoas importantes não podem ser culpadas. Aqueles que estão no fim da escala é que devem pagar pelos outros. E você, Jerônimo, um pobre ator desempregado, alguém que não tem onde cair morto, é o mais baixo que conseguimos encontrar na escala dos hominídeos.

Jerônimo – E o seu marido?

Claudia – Meu marido tinha uma cara de idiota. Um pouco como a sua.

Jerônimo – Entendi...

Claudia – Pelo menos passe pelo período de teste e depois decida.

Jerônimo faz um gesto em direção à foto.

Jerônimo – Se é que ainda estou vivo.

Claudia – Pense no seu salário e no problema do desemprego neste país... A crise também afeta os pobres, Jerônimo. Pense na sua esposa. Nos seus filhos...

Jerônimo – Não tenho filhos.

Claudia – Então pense na sua esposa. Imagine a expressão dela quando voltar para casa e disser que foi demitido novamente no primeiro dia...

Jerônimo – Você está tornando isso muito difícil para mim...

Claudia – Tenho certeza de que você nasceu para esse cargo, senhor Sapateiro. E eu garanto que já vi muitos candidatos passarem por aqui. Você atingiu o fundo do poço. A partir daí, só pode melhorar. Já lhe disseram que você tem uma cara que dá vontade de dar um tapa?

Jerônimo – Sim, minha esposa diz isso com frequência, mas não acho que seja um elogio vindo dela...

Dominga entra.

Dominga – A próxima reunião para o senhor acabou de chegar... Devo entretê-la?

Claudia – Vamos, tente novamente. Acho que você vai acabar gostando deste trabalho.

Jerônimo – Espero que não seja outro teste.

Dominga – Não, pode acreditar em mim. Esta é uma cliente real e parece que não está muito contente.

Claudia – Boa sorte, Jerônimo... E lembre-se: você é culpado por tudo, mas não é responsável por nada...

Claudia sai. Dominga se aproxima da mesa, vira o termo como se fosse ajustá-lo. Pega o quadro e sai. O botão vermelho começa a piscar. O alarme dispara. Bernarda entra apressada. Parece uma burguesa rica.

Bernarda – Filho da mãe! Ele me deixou totalmente arruinada!

Jerônimo – Sente-se, por favor...

Bernarda olha ao redor, surpresa.

Bernarda – Não tem nenhuma cadeira!

Jerônimo – Tem razão. Fez bem em me dizer.

Bernarda – Porque se houvesse uma, eu a quebraria na sua cabeça.

Jerônimo – Provavelmente é por isso que a tiraram.

Bernarda – Bem, eu vou consertar isso agora mesmo.

Ela abre sua bolsa Vuitton e tira uma arma com a qual aponta para Jerônimo.

Bernarda – Se acredita em Deus, chegou a hora de rezar.

Jerônimo – Acho que é melhor apertar o botão vermelho. Agora ou nunca.

Ele pressiona o botão vermelho com a mão trêmula.

Bernarda – Não vai continuar bancando o valentão, certo?

Jerônimo – Tenha cuidado, pelo amor de Deus... As coisas podem ficar feias...

Bernarda – Perfeito, seria uma boa coartada... Ela atirou sozinha, Sr. Juiz.

Jerônimo – Na verdade, não sei o que espera de mim.

Bernarda – Quero que me devolva meu dinheiro.

Jerônimo – Infelizmente, isso não está em minhas mãos, querida senhora. Juro pelo mais sagrado... Sou culpado de tudo, mas não sou responsável por nada.

Bernarda – Está bem... Então será minha morte que pesará na sua consciência.

Ela coloca a arma em sua têmpora. Jerônimo começa a tremer.

Jerônimo – Pelo amor de Deus, não faça isso... É apenas dinheiro...

Bernarda – Três milhões de euros, nada menos.

Jerônimo – Na verdade...

Bernarda – Mal tenho mais nada para viver.

Jerônimo – Quanto, mais ou menos?

Bernarda se acalma um pouco.

Bernarda – Uns dez milhões.

Jerônimo – Bem... na verdade, não está nada mal.

Bernarda – Hoje em dia, não se vai muito longe com dez milhões, você deve saber melhor do que ninguém.

Jerônimo – Bem, eu... se quiser que seja sincero...

Claudia entra. Bernarda, surpresa, volta a colocar a arma na têmpora.

Bernarda – Não se mexa ou eu explodo meu cérebro!

Claudia – Como chefe de serviço, asseguro-lhe, minha senhora, que posso oferecer toda a nossa solidariedade.

Bernarda – Até mesmo financeiramente?

Claudia – Talvez psicologicamente. Escute, Margarita... Posso chamá-la pelo nome?

Bernarda – Se isso lhe diverte... Mas meu nome é Bernarda...

Claudia – Acabou de perder três milhões de euros e, logicamente, está em estado de choque.

Bernarda – Logicamente.

Claudia – Na verdade, você está tão perturbada quanto um jogador que acaba de ganhar na loteria de Natal.

Bernarda – Está me zoando?

Claudia – Deixe-me terminar! Tão perturbada sim, mas pelo contrário: você deve aceitar que não é mais tão rica como antes.

Jerônimo – Ainda lhe restam dez milhões de euros...

Bernarda – Ninguém pediu sua opinião! De qualquer forma, você é o culpado final pela sua incompetência financeira. Ou estou errada?

Jerônimo – Eu... Não...

Bernarda – Viu... O idiota até admite!

Claudia – Está bem, senhora... Somos plenamente conscientes das limitações deste homem tão inútil quanto viscoso que, infelizmente, abusou tanto de sua confiança quanto da nossa.

Bernarda – Ele realmente precisa de uma lição!

Claudia – Sim, infelizmente, por razões legais bastante obscuras, não podemos simplesmente demiti-lo, mas garanto que ele será duramente punido.

Bernarda – E o que pretendem fazer?

Claudia – Em primeiro lugar, vamos proporcionar-lhe algumas punições corporais. Não acha que este sujeito está pedindo para ser esbofeteado?

Bernarda – Claro...

Claudia, dá um tapa forte nela. Jerônimo fica surpreso.

Claudia (*para Bernarda*) – Vamos lá, não hesite, bata também... Vai se sentir aliviada, eu garanto.

Bernarda – Você está falando sério?

Claudia – Confie em mim, senhora.

Bernarda dá um tapa forte em Claudia também.

Claudia – E então?

Bernarda – Você estava certa... Sinto-me muito melhor agora...

Jerônimo – Que maneira estranha de relaxar!

Claudia – Eu me pergunto, na verdade, se ele não está possuído pelo demônio das finanças.

Claudia tira um crucifixo do bolso e o aponta para Jerônimo.

Claudia – Satanás, saia imediatamente desse corpo (*para Bernarda*) Sempre funciona, embora o efeito não seja imediato.

Bernarda – Acho que seria melhor queimá-lo na fogueira, assim estaríamos mais seguros. Como costumavam fazer com as bruxas no passado.

Claudia – Você está certa... Poderíamos até considerar a incineração.

O telefone de Bernarda toca.

Bernarda – Ah, sim... Peço desculpas... Estarei aí em menos de 30 minutos... Até logo. (*Ela desliga o telefone*) Vocês vão me perdoar... Era meu cabeleireiro... Esqueci que tinha um compromisso esta manhã... Claro, dadas as circunstâncias, é compreensível...

Claudia – Compreendo, senhora.

Bernarda – Tenho que ir... Custa muito conseguir um horário com um bom cabeleireiro! Além disso, minha filha está se casando amanhã... É uma pena que meu marido não possa comparecer ao casamento da nossa garota...

Jerônimo – Por que não?

Bernarda – Porque ele morreu, coitado... E, em relação a você, vamos resolver as contas outro dia. (*Para Claudia*) Muito obrigada, Claudia. Foi ótimo conversar com você e me acalmar.

Claudia – Sempre à sua disposição, senhora. (*Bernarda sai*) Não foi nada mal para o seu primeiro teste de fogo... Muito bem, Jerônimo, muito bem!

Jerônimo (*se esfregando*) – Se você diz...

Claudia – Pelo menos você saiu ileso desta vez. Quando eles têm tendências suicidas, como neste caso, é melhor canalizar sua agressividade de forma positiva, direcionando-a para um terceiro.

Jerônimo – E esse terceiro sou eu, claro...

Claudia – Estou muito satisfeita com o seu desempenho. Se continuar assim, em três meses poderemos aumentar o seu salário.

Jerônimo – Na verdade, não estou muito confiante... Você percebeu que ela quase me matou, não percebeu?

Claudia – Mas ela não o fez...

Jerônimo – Além disso, ela me deu um tapa! E não só ela, você também!

Claudia – Quero ser honesta com você, Sr. Carpinteiro...

Jerônimo – Sapateiro!

Claudia – E pergunto: o que você espera da vida com essa aparência de perdedor e um currículo que se parece com uma folha de papel higiênico?

Jerônimo – Para ser sincero... não muito...

Claudia – Imagino que, nos seus empregos anteriores, você tenha recebido várias repreensões, certo?

Jerônimo – Meus empregos anteriores?

Claudia – Essa cara que você tem está pedindo um bom tapa. Imagino que você já tenha levado umas boas pancadas quando era criança...

Jerônimo – Quando era criança?

Claudia – Por isso, aqui você será pago por isso, e também receberá o respeito das altas hierarquias do banco.

Jerônimo – Arriscando a própria vida, é claro...

Claudia – É por isso que você será considerado um herói... O que estou dizendo... Muito mais que isso... Um deus!

Jerônimo – Você acha...?

Claudia – Lembre-se das suas aulas de catequese: "Eu sou o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo!" Se você for capaz de lidar com os desastres deste banco, poderemos considerá-lo nosso Jesus Cristo! Além disso, as iniciais coincidem...

Jerônimo – Que iniciais?

Claudia – J.C.... Jerônimo Carpinteiro

Jerônimo – Senhora... Meu nome é Sapateiro!

Claudia – Está bem... Isso pouco importa... Os fatos são fatos...

Jerônimo – Claro.

Claudia – Na verdade, senhor Sapateiro, eu lhe digo que você estava predestinado a ocupar o cargo de bode expiatório... Portanto, seja bem-vindo entre nós!

Claudia sai. Jerônimo se encolhe em sua poltrona. Ele está perplexo. Bernarda entra seguida por Claudia. Jerônimo se levanta como se fosse um pulo.

Bernarda – Uma última coisa...

Jerônimo – O que você quiser, senhora.

Bernarda – Você é realmente um banana...

Bernarda dá outra bofetada nele.

Claudia – Vamos, Jerônimo... Vire a outra face!

Jerônimo obedece. Bernarda o esbofeteia novamente.

Bernarda – Claro, isso ajuda.

Claudia – Claro, senhora. Você também pode dar-lhe um chute no traseiro. Isso a relaxará ainda mais, se possível.

Bernarda – Tem certeza de que posso fazer isso?

Claudia – Claro... Vamos, Jerônimo...

Jerônimo (*virando-se*) – Assim está bom?

Bernarda – Perfeito.

Ela dá o chute.

Claudia – Adeus, senhora. Desculpe por não acompanhá-la até a porta. Com certeza você conhece bem o caminho... E volte quando quiser. Será sempre bem-vinda. (*Bernarda sai*) Ela pegou afeição por você...

Jerônimo – Você acha que ela vai voltar com frequência?

Claudia – Você me lembra meu marido... Talvez eu acabe me casando com ele... Quem sabe...

Jerônimo – Mas eu já sou casado...

Claudia – De qualquer forma, parabéns. Estou muito satisfeita com você. Acabou de se tornar um verdadeiro bode expiatório!

Jerônimo – Obrigado...

Claudia – Tenho certeza de que você acabará gostando disso.

Jerônimo – Não sei... Ainda dá para aguentar as bofetadas, mas um tiro... Provavelmente sou um bode expiatório, mas não pretendo ser caçado como um coelho.

Claudia – Estamos em crise, Jerônimo! Pelo menos nossos clientes usam armas de pequeno calibre. Armas que cabem em uma bolsa Vuitton...

Jerônimo – Você nota que não está no meu lugar...

Claudia – Claro... Eu o pago para estar no meu lugar... Ouça, você me caiu bem, então vou lhe oferecer algo: um bônus por cada par de bofetadas e um bônus por cada ferimento a bala. O que acha?

Jerônimo – Preferiria um colete à prova de balas...

Claudia – Vamos, senhor Sapateiro... Os grandes funâmbulos trabalham sem rede, e é isso que os torna grandes em seu trabalho. Você é um artista!

Claudia sai. O telefone toca.

Jerônimo – Olá, querida... Minha voz está estranha? Sim, está tudo bem... É uma espécie de... Vamos lá, é algo difícil de explicar... Acabei de receber a primeira cliente... Bom, sim... É o que a chefe de serviço disse... Sim... Por que não...? Acabei de receber os tíquetes de restaurante... Até agora, então... *(Ele desliga)* Não sei como tive coragem de dizer que está tudo bem...

Dominga entra vestida com um avental branco, tipo enfermeira. Ela traz um copo na mão, que coloca na mesa.

Dominga – Como vai, Jerônimo? Tem algo quebrado?

Jerônimo – Não... Acho que não...

Dominga – De qualquer forma, vou examiná-lo. É um exame de rotina, não se preocupe. Levante-se, por favor.

Ele se levanta. Ela o examina detalhadamente com a ajuda de alguns instrumentos que tem ao redor do pescoço ou nos bolsos do avental.

Dominga – Abra a boca e mostre a língua, por favor... Obrigada... Incline-se um pouco para a frente e diga trinta e três milhões... Perfeito... Você ainda está em boa forma para o trabalho... Ótimo! *(Ela lhe entrega um comprimido e o copo de água)* Tome isso. Vai fazer bem para você.

Jerônimo – Espero que não seja venenoso.

Dominga – Vamos, Jerônimo! Por que iríamos envenená-lo?

Ele engole o comprimido sem reclamar.

Jerônimo *(apontando para o quadro)* – E de que ele morreu?

Dominga – Ele? Quem ele?

Jerônimo – O cara da garrafa térmica.

Dominga – Mas por que você acha que tem alguém trancado nessa garrafa térmica?

Jerônimo – Você mesma disse isso há um tempo.

Dominga – Eu disse que tinha alguém trancado nessa garrafa térmica?

Jerônimo – É que não parece ser realmente uma garrafa térmica.

Dominga – Então, por que você insiste que tem alguém dentro?

Ela pega o copo vazio, vai até a garrafa térmica e a enche de café, surpreendendo Jerônimo.

Dominga – Quer um café para compensar o gosto ruim do remédio?

Jerônimo – Não, muito obrigado...

Dominga – Então eu vou beber... (*Esvazia o copo*) Como pode ver, também não está envenenado... Embora esteja um pouco frio...

Jerônimo fica atordoado. Ele começa a duvidar de sua sanidade. Entra Beatriz, uma pessoa comum, nada elegante. Este personagem pode ser interpretado pela mesma atriz que interpreta Bernarda.

Dominga – Uma nova visita! (*Para o público*) Parece que ela não está de muito bom humor...

Jerônimo – É minha esposa.

Dominga – Então vou deixá-los...

Dominga sai. Beatriz olha para ele com um ar desafiador.

Beatriz – Tens uma secretária particular?

Jerônimo – É engraçado, não é?

Beatriz – Eu já te dizia que deverias abandonar essa bobagem de teatro para conseguir um emprego normal...

Jerônimo – Estás certa...

Beatriz – E como está indo?

Jerônimo – A verdade é que não sei o que dizer.

Beatriz – Isso significa que vão te demitir... Não, eu já sabia que...

Jerônimo – Não são eles, sou eu quem não tem certeza se quer continuar.

Beatriz – Estás brincando?

Jerônimo – É que... Eles são agressivos...

Beatriz – Quem é agressivo? Meu chefe também é.

Jerônimo – Sério?

Beatriz – E meus colegas... Os clientes... Todos são agressivos. Todo mundo é agressivo... Mas tens que aguentar para ganhar a vida!

Jerônimo – Mas quando digo que estão me agredindo, é físico, entendes?

Beatriz – Estás dizendo que estão te batendo?

Jerônimo – Eles estão me esbofeteando.

Beatriz – Sério?

Jerônimo – Até me dão chutes no traseiro...

Beatriz – E inventaste isso para justificar que quer deixar o trabalho?

Jerônimo – Tudo o que estou te dizendo é verdade!

Beatriz – Te aviso, Jerônimo, que esta é tua última chance. Se não consegues manter este emprego, acabou. Eu vou embora.

Jerônimo – Não fiques nervosa, querida. Eu estava apenas falando. Eu te asseguro que vou continuar trabalhando aqui.

Beatriz – Prometes?

Jerônimo – Eu prometo com a mão na... cabeça do meu antecessor...

Beatriz – Bem, eu acredito. Então, vou indo.

Jerônimo – Mas não íamos almoçar juntos? Tenho tíquetes de restaurante...

Beatriz – Desculpe. Será outra vez. Eu tinha esquecido que prometi à minha mãe almoçar com ela.

Jerônimo – Que pena...

Beatriz – Hoje é segunda-feira... Sabe que às segundas eu almoço com mamãe.

Jerônimo – É verdade... Sinto muito. Boa sorte.

Beatriz – Boa sorte para ti também...

Ela se dirige à saída.

Beatriz – Aliás, poderias me passar os tíquetes de restaurante, já que não vai usá-los.

Jerônimo – Claro, querida. Aqui estão eles.

Jerônimo entrega o cartão de tickets.

Beatriz – Obrigada... Então vou indo. Até à noite.

Jerônimo – Sim... Até logo.

Beatriz – E... coma bem!

Dominga entra com várias cartas.

Dominga – Sua senhora não parece muito simpática.

Jerônimo – É preciso saber lidar com ela...

Dominga – Aqui está o seu correio...

Ela coloca na mesa.

Jerônimo – Também tenho correio?

Dominga – Claro.

Ela dá uma olhada nos envelopes.

Jerônimo – Mas o que é isso?

Dominga – Principalmente cartas com insultos. Ameaças, é claro... Algumas podem conter explosivos, mas são as menos. Além disso, você não tem obrigação de abri-las. Quer que eu as leve?

Jerônimo – Sim, por favor... E muito obrigado.

Dominga – Está bem, senhor Sapateiro... Se me permitir, abrirei pelo menos uma ou duas antes de entregá-las ao departamento anti-explosivos. Algumas têm um certo humor. Eu não deveria fazer isso, mas às vezes não resisto à tentação de ler algumas delas...

Dominga pega as cartas e sai. Jerônimo se acomoda em sua cadeira e tenta relaxar. Uma explosão é ouvida.

Jerônimo – A curiosidade é um grande defeito...

Mas Jerônimo mal tem tempo de relaxar quando o botão vermelho começa a piscar e o alarme toca. Madalena entra no escritório, uma espécie de nova rica vulgar. Este personagem também pode ser interpretado pela mesma atriz que interpretou Bernarda e Maria.

Madalena (seca) – Bom dia.

Jerônimo – Bom dia, senhora. Quer me bater agora ou prefere me insultar primeiro?

Madalena (surpresa) – Eu garanto que sua cara de idiota é uma tentação para eu o esbofetear.

Jerônimo – Então não se reprima, senhora. Eu provavelmente mereço.

Madalena – A verdade é que eu...

Jerônimo – Pelo menos me dê uma boa cotovelada na canela. Tenho que justificar meu salário.

Madalena – Desculpe, mas não entendo nada... Graças aos seus conselhos, consegui triplicar meu capital em dois anos.

Madalena estende a mão, mas ele hesita, como se estivesse esperando um tapa.

Madalena – Meu nome é Madalena.

Ela estende a mão novamente e ele a aperta.

Jerônimo – Madalena...? Como o bolo?

Madalena – O bolo?

Jerônimo – O bolinho. O bolinho de Madalena...?

Madalena – Ah, sim... Você está com fome?

Jerônimo – Sim, talvez você esteja certa... Já está na hora do almoço e claro...

Madalena – Bem, deixemos isso de lado. A verdade é que vim agradecer pela sua ajuda e... olha, trouxe uns doces para você.

Ela abre a bolsa e tira uma caixa de doces, oferecendo a Jerônimo, que fica totalmente surpreso e assustado, deixando a caixa e seu conteúdo caírem no chão.

Jerônimo – Eu não quero seus doces!

Madalena – Desculpe. Se eu soubesse, teria trazido chocolates. Você gosta de chocolate?

Jerônimo – Olha, deixe isso... Eu não tenho tempo para essas coisas...

Madalena – E umas flores?

Jerônimo – Você acha que não tenho mais nada para fazer?

Madalena – Não, claro, mas...

Jerônimo – Além disso, você percebe o que está dizendo?

Madalena – Eu não sei do que você está falando...

Jerônimo – Você está três vezes mais rica do que antes... Você pode me explicar o que fez para conseguir isso?

Madalena – Bem... Nada...

Jerônimo – E você não tem vergonha?

Madalena – Não... A verdade...

Jerônimo – Vamos, se aproxime!

Madalena obedece, se debruça sobre os joelhos de Jerônimo e ele dá um tapa.

Jerônimo – Você não tem vergonha?

Madalena – Talvez... um pouquinho...

Jerônimo – Bem... Vá embora de uma vez!

Madalena – Está bem, senhor Sapateiro...

Madalena sai, envergonhada. Dominga entra apressadamente, com o rosto chamuscado pela explosão de um dos envelopes falsos.

Jerônimo – E agora?

Dominga – Sinto muito. Obviamente, foi um erro, porque geralmente só marcam consulta as clientes insatisfeitas. Além disso, como você pode ver, meu estado é bastante traumático.

Claudia entra. Dominga se afasta.

Jerônimo – Estou muito confuso. Eu pensei que... Na verdade, acho que exagerei um pouco.

Claudia – De fato (*Dubitativa*) Nunca pensei que sob essas aparências de cachorro magoado escondesse um verdadeiro pitbull...

Jerônimo – Você vai me demitir? Minha esposa gostaria que eu mantivesse esse emprego.

Claudia – Demitir você? De jeito nenhum! Além disso, a última cliente saiu encantada deste escritório. Ela até está disposta a confiar todas as suas economias conosco.

Jerônimo – Sério?

Claudia – Estou pensando em expandir suas responsabilidades.

Jerônimo – Minhas responsabilidades?

Claudia – Mas antes, você terá que passar por um teste para verificar se atende às expectativas necessárias. (*Claudia começa a se despir e se joga sobre ele*) Eu também tive lucros suculentos, Jerônimo... Acho que mereço uma boa punição...

Ela aperta o botão vermelho, que começa a piscar, enquanto o alarme toca.

Escuro

Luz

Claudia se veste novamente. Jerônimo também se recompõe. Dominga entra com uma nova pintura que substitui a antiga na parede: um Cristo crucificado. Jerônimo se aproxima da pintura e a observa.

Jerônimo – Mas sou eu!

Dominga – Você é o funcionário do mês!

Claudia – Você deve estar feliz, não?

Dominga – Sua esposa vai se orgulhar de você, senhor Carpinteiro.

Jerônimo está desconcertado.

Claudia – Isso foi a boa notícia, Jerônimo.

Jerônimo – Porque há uma má notícia...

Claudia – Acabamos de descobrir que nosso banco faliu.

Dominga – As viúvas arruinadas se aglomeram do lado de fora da agência.

Claudia – Precisamos encontrar rapidamente uma forma de acalmá-las.

Jerônimo – Eu vejo... Terei muito trabalho pela frente.

Dominga – Eu não acho que isso seja suficiente.

Claudia – Teremos que pensar em algo excepcional.

Dominga – Um gesto simbólico.

Claudia – Jerônimo, posso dizer que até a sobrevivência de nosso sistema bancário está em jogo.

Jerônimo – Isso parece um pesadelo, não é?

Claudia (*para Dominga*) – Vá buscar o martelo e a foice!

Dominga – Você deve querer dizer martelo e pregos, suponho.

Claudia – Faça o que estou dizendo! (*Dominga sai*) Você precisará de muita coragem, Jerônimo.

A luz vermelha acende e o alarme dispara.

Escuro

Luz

Jerônimo dorme inclinado em sua poltrona. O telefone toca. Ele acorda assustado e atende.

Jerônimo – Sim...? É você, Dominga? Sim, claro, tudo bem... Não, estou indo mais ou menos... Eu cochilei por um tempo e tive um pesadelo.

Ele se levanta ainda um pouco atordoado, vai até o pedestal e pega o termo.

Jerônimo – Eu preciso de um café...

Ele inclina o termo para servir o café em seu copo, mas apenas uma fumaça branca sai, espalhando-se pelo palco, banhado por uma luz irreal, enquanto ressoa uma voz que pode ser de Claudia.

Claudia – Você tem o direito de fazer um desejo, senhor Carpinteiro...

Jerônimo – Me chamo Sapateiro...

Claudia – Tanto faz.

Jerônimo – Além disso, normalmente são pedidos três desejos...

Claudia – Lembre-se de que estamos em crise, senhor Carpinteiro...

Jerônimo – Apenas um desejo...? Vamos ver... Você pode me trazer um café?

Escuro

Luz

Jerônimo está dormindo em sua poltrona. Beatriz entra no escritório e o vê.

Beatriz – Jerônimo?

Jerônimo – Beatriz? Mas... O que estás fazendo aqui...?

Beatriz – Pedi à tua secretária para me anunciar, mas como tu não respondeste...

Jerônimo – Desculpe... Eu cochilei por um instante.

Beatriz – Esqueceste que tínhamos que almoçar juntos?

Jerônimo – Sim... Claro... Estou pronto... Vamos?

Beatriz – Sim... Vamos... Mas está bem?

Jerônimo – Não aconteceu nada... Coisas da rotina...

Beatriz – Tudo bem...

Eles se preparam para sair.

Jerônimo – Na verdade, acabei de ter um sonho incrível... Nem imaginas o que eu sonhei...

Beatriz – E o que foi?

Jerônimo – Tu não vais acreditar, mas sonhei que estava casado contigo.

Beatriz – Mas Jerônimo... Eu sou tua esposa.

Jerônimo – Não me digas... Então parece que o pesadelo ainda não acabou...

Eles saem.

Escuro

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentista na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O genro perfeito
Pequeno homicídio sem consequências
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-987-4

Documento para download gratuito